

MAASP

instituto de arte contemporânea

55 artistas
pintura
escultura
desenho
gravura

prêmio leirner de arte contemporânea 1959

Galeria de Arte da "FOLHA"

São Paulo, 19 de maio de 1960

CONSELHO DA GALERIA DE ARTE DA "FOLHA"

Diretor

Ruy Bloem

Assessor artístico

José Geraldo Vieira

Assessor social

Isai Lerner

Alfredo Volpi
Cassio Mboy
Flavio Motta
Hermelindo Fiaminghi
Leopoldo Raimo
Luis Martins
Marcelo Grassmann
Maria Eugenia Franco
Moussia Pinto Alves
Sergio Milliet
Yolanda Mohalyi

instituto de arte contemporânea

Retrospecto:

Fundada em dezembro de 1957, a Galeria de Arte da "Folha", agindo domesticamente como complemento quinzenal de três jornais diários e atuando socialmente como centro de artes visuais para congregar as modalidades gráficas e plásticas contemporâneas e difundí-las, tem cumprido e ampliado seu programa.

A verdade é que o seu recinto marca a ampliação da área artística da cidade de São Paulo como um ponto a mais de convergência e expansão. Nele expõem todos os artistas do Brasil, de quaisquer gerações e tendências, seu calendário de cada ano significando o histórico retrospectivo do desenho, da gravura, da pintura e da escultura nesse período. Artistas convidados e artistas espontâneos inscrevem em suas paredes o gráfico de pesquisas de vanguarda. O acervo até agora apresentado tem servido não só de visualização do progresso em matéria, linha, ritmo, cor, assunto, processo e estética atuais no Brasil, como tem refletido de modo direto e oportuno as variantes de marcha das artes plásticas no mundo.

Tanto isso se tornou notório aos olhos mesmo dos críticos internacionais acorridos a São Paulo por ocasião da V Bienal, que os artistas premiados naquele certame de órbita internacional já haviam sido premiados por um júri nacional quando antes expuseram na Galeria de Arte da "Folha". Se tal fato demonstra segurança analítica dos críticos nacionais a ponto de seus critérios coincidirem com os dum júri ecumênico, também demonstra que o material exposto na Galeria de Arte da "Folha" tem o valor do material exposto no Ibirapuera, precedendo-o temporalmente.

Pode-se assim concluir, em retrospecto, que a arte visual contemporânea, em sua validade mais recente, o concretismo, o expressionismo abstrato e o abstracionismo geométrico, junto com a evolução do figurativismo, tem sido o manancial que flui na Galeria de Arte da "Folha" saindo das mesmas madres e fontes da arte internacional vanguardista.

Trata-se, portanto, dum recinto que periodicamente vem mostrando à crítica e ao visitante a linha ou as linhas de marcha da arte, em coincidência hora — com os quadrantes internacionais. Cumpre, pois, aquilo que se propôs cumprir.

O Prêmio Leirner de Arte Contemporânea 1959 deverá, logicamente, caber a queles artistas de teor gráfico e plástico que, durante esse período, subiram a um ápice de processos, realizações, empreendimentos, pesquisas e êxitos.

Isso, que já ocorreu no ano passado, em que, repetimos, os premiados na Galeria foram a seguir os premiados na V Bienal, sucederá por certo agora quando um júri nacional compacto (nove elementos) vier a decidir quanto à outorga do dito prêmio.

Sendo a Galeria de Arte da "Folha" depositária da Láurea Leirner de Arte Contemporânea, prêmio esse que abrange desenho, gravura, pintura e escultura, os artistas que saírem vitoriosos dessa pugna pacífica e sadia, **ipso facto** representarão os ápices da arte nacional e representarão indiretamente a contribuição brasileira ao módulo prospectivo das artes visuais do mundo.

Chegar uma galeria a representar tamanha eficiência e poder através dos prêmios garantir a validade objetiva e estética de seus expositores é função mais que didática. Significa mesmo uma vitória de sua orientação interna e uma hipóstase

com os meios artísticos locais e nacionais, hipótase essa que vem criando uma atmosfera de sociabilidade, cultura, vigilância e opção.

Sendo um fulcro divulgador, reflete em suas séries de exposições individuais simultâneas de 1959 predomínio de pesquisa da matéria. Em suas paredes estiveram expostos trabalhos que pulsam no mesmo ritmo de pesquisas lineares, cromáticas, espaciais, maciças, fechadas e abertas que se propagam nos ateliês mais fecundos do mundo. Avulta, porém, o interesse pela matéria, pelo fundo de tela, pelo suporte, naqueles efeitos ecológicos e cósmicos que o tachismo vem despertando como **close-up** geodésico da terra e como **flash** de galáxias.

Ao visitante que estranhar a ausência quase total do figurativismo analógico nas exposições de 1959, se poderá catequizá-lo provando-lhe que aqueles óleos superpostos, aquelas estrias sobre cimento e gesso, aquelas inclusões de serrapilheira e ferro, madeira e estôpa no fundo e no relevo das telas são ainda e sempre figurativismo. Do chão próximo. Do quintal metropolitano. Da bossagem da montanha. Do flanco da nuvem. Da fisionomia da tempestade. Enfim, o figurativismo, em cenário

panteístico, da face da terra. E da vastidão das galáxias baixando em anos-luz para a nossa retina.

Além desses empreendimentos pictóricos e táteis da arte tachista, o visitante terá ensejo de verificar as cores puras do concretismo, suas invasões e esvasiamentos do espaço, seus efeitos de movimento e ritmo atingidos pela pintura mesmo sem artifícios de acessórios. E averiguará a problemática de arabescos e besantes, de cromatismo estático e dinâmico do abstracionismo geométrico.

Pouco haverá, no acervo, como temário figurativo. Será uma tregua? Será uma opção colorativa?

Qual a parte mais forte da exposição dos artistas que concorrem neste prélio de remate do calendário de 1959 à Láurea Leirner. O desenho? A gravura? A pintura? A escultura? Numericamente avultam a pintura e o desenho. Qualitativamente a gravura sobe de nível com o aparecimento duma geração nova.

A escultura é ainda numericamente e qualitativamente o setor de maior dispersão plástica entre os bastidores gráficos. Mas há peças de grandes escultores em sua fase de experiência mais apurada.

José Geraldo Vieira